
CÍRCULO DE CULTURA SOCIOPOÉTICA: QUE PODE A ECOPEDAGOGIA NA FORMAÇÃO INICIAL DO CURSO DE PEDAGOGIA/PARFOR?

SOCIOPOETIC CULTURE CIRCLE: WHAT CAN ECOPEDAGOGY IN THE INITIAL FORMATION OF THE PEDAGOGY / PARFOR COURSE

Dolores dos Santos Vieira

Professora da área de Fundamentos Psicológicos da Educação da UFPI e professora formadora do Parfor. Pesquisadora de gênero, formação de professoras/es, cultura de paz e práticas educativas

E-mail: mariadoloresdossantosvieira@gmail.com

RESUMO

Este artigo é parte do Círculo de Cultura Sociopoética que ocorreu durante as aulas do componente curricular Ecopedagogia, no Curso de Pedagogia, da Universidade Federal do Piauí – UFPI, no Programa de Formação de Professores da Educação Básica – PARFOR, no período de 01 a 09/07/2019, em Parnaíba-Piauí. O círculo, em questão, foi desenvolvido com 18 (dezoito) mulheres discentes do Curso de Pedagogia, oriundas de territórios diversos que deixaram emergir seus saberes, sentires, fazeres e viveres na condição de habitantes do Planeta Terra e de professoras e pedagogas em formação. Teve como objetivo: conceituar ecopedagogia, identificando seus saberes e poderes na formação inicial em pedagogia/PARFOR. As discussões foram sustentadas pelas ideias de autoras e autores como Arendt (2004), Barbier (2007), Freire (2011), Gadotti (1998) dentre outras e outros. A metodologia se deu através dos Círculos de Cultura Sociopoética tendo como tema-gerador: O que pode a Ecopedagogia na formação inicial do Curso de Pedagogia/PARFOR? A técnica artística que utilizamos para o desenvolvimento do conhecimento foi esta: Os lugares geomíticos de Jacques Gauthier, criador da Sociopoética. Desse modo, as produções plásticas e os relatos produzidos durante a oficina revelam as ideias e multifaces das discentes do Curso de Pedagogia que reivindicam uma ecopedagogia-ponte que ligue os saberes das pessoas que são diferentes, mas que fazem a mesma travessia formativa. Revelam que as pessoas estão em

uma ecopedagogia-labirinto, vivem perdidas dentro de si mesmas e não conseguem enxergar que a única saída é a preservação e o cuidado com a natureza. No lugar ecopedagogia-falha, o grupo-pesquisador, aponta que é preciso pensar diferente, mostrando que é necessário comprometer-se com a transformação. Por fim, propõe uma ecopedagogia-caminho que tire as pessoas do lugar e as faça trilhar outros rumos e rotas.

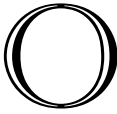
Palavras-chave: Círculo de cultura Sociopoética. Pedagogia/PARFOR. Ecopedagogia.

ABSTRACT

This article is part of the Sociopoetic Culture Circle that took place during Ecopedagogy component classes, in the Pedagogy course, Federal University of Piauí - UFPI, in the Basic Education Teacher Training Program - PARFOR, from 01 to 09 / 07/2019, in Parnaíba-Piauí. The circle in question was developed with 18 (eighteen) women students of the Pedagogy Course, coming from diverse territories that allowed their knowledge, feelings, practices and living to emerge as inhabitants of Planet Earth and teachers and educators in formation. It aimed to: conceptualize ecopedagogy, identifying its knowledge and powers in the initial formation in pedagogy / PARFOR. The discussions were supported by the ideas of authors and authors such as Arendt (2004), Barbier (2007), Freire (2011), Gadotti (1998) and others. The methodology was given through the Circles of Sociopoetic Culture having as its generating theme: What can Ecopedagogy in the initial formation of the Pedagogy Course / PARFOR? The artistic technique we used for the development of knowledge was this: The geometric places of Jacques Gauthier, creator of Sociopoetics. Thus, the plastic productions and the reports produced during the workshop reveal the ideas and multitudes of the students of the Pedagogy course who claim a bridge ecopedagogy that connects the knowledge of people who are different, but who make the same formative crossing. They reveal that people are in a labyrinth-ecopedagogy, live lost within themselves and fail to see that the only way out is to preserve and care for nature. In the place of failing-pedagogy, the researcher group points out that it is necessary to think differently, showing that it is necessary to commit to the transformation. Finally, it proposes an eco-pedagogy path that takes people out of place and makes them follow other routes and routes.

Keywords: Sociopoetic culture circle. Pedagogy / PARFOR. Ecopedagogy.

INICIANDO O CÍRCULO: NO MEIO DE VAZIOS E CHEIOS

 círculo, do latim *circulus* é *circus* e significa “redondeza”. Nessa experiência é a metodologia que indica a forma como se desenvolveu o conhecimento e os arranjos espaciais na sala de aula, tem a ver com a prática docente que permitiu a circulação das discentes, 18 (dezoito) mulheres, do Curso de Pedagogia, oriundas de territórios diversos e que deixaram emergir seus saberes, sentires, fazeres e viveres na condição de habitantes do Planeta Terra e de professoras e pedagogas em formação.

Foi no/do Círculo que veio o choro, a dor, a mudança e a coragem para o enfrentamento aos contextos de degradação da vida quando causa a morte dos rios, a contaminação dos mares, dos mangues, da poluição do solo, do ar e do adoecimento cada vez mais grave da população em

CÍRCULO DE CULTURA SOCIOPOÉTICA: QUE PODE A ECOPEDAGOGIA NA FORMAÇÃO INICIAL DO CURSO DE PEDAGOGIA/PARFOR?

decorrência do consumo de alimentos envenenados, da água imprópria para o uso humano. “Os Círculos de Cultura são precisamente isso: centros em que o povo discute os seus problemas, mas também em que se organizam e planificam ações concretas, de interesse coletivo” (FREIRE, 1980, p. 28).

Nessa perspectiva, Freire propõe a formação de um grupo pesquisador constituído por especialistas e pessoas comuns que juntos investigam um tema gerador. Consentindo com essa postura, na Sociopoética é utilizado o dispositivo do grupo-pesquisador no qual o/a pesquisador/a oficial é chamado/a de facilitador/a e o público alvo da pesquisa copesquisadores e copesquisadoras de um tema-gerador (COSTA, 2019).

O Círculo de Cultura, em questão, ocorreu durante as aulas do componente curricular Ecopedagogia, no Curso de Pedagogia, da Universidade Federal do Piauí – UFPI, no Programa de Formação de Professores da Educação Básica – PARFOR, no período de 01 a 09/07/2019, em Parnaíba-Piauí. Considerou-se o fato de que as discentes eram mulheres adultas, faziam um curso de formação no período de férias, muitas delas, saíram diretamente da sala de aula na qual são professoras para desempenharem mais um papel, o de alunas. Essa contextualização prévia, construída a partir do conhecimento que se tem sobre o perfil discente desse programa que nasceu para atender uma demanda que requer outro formato de curso de formação, que atenda, particularmente, docentes que não conseguiriam frequentar a universidade, se não fosse, nos moldes do PARFOR. Esse saber exigiu um cuidado especial com a metodologia das aulas que seriam propostas. Desencadeou, iluminou em nós, desejos de oportunizar vivências formativas que as desterritorializassem e reterritorializassem, também, com proposições vivas do desenvolvimento do conhecimento.

O Círculo de Cultura estava o tempo todo latejando em nossos corpos, mas precisava ser gestado como um Círculo de Cultura híbrido, no meio de Paulo Freire e da Sociopoética, potências misturadas. Mesmo assim, necessitava ser recheado de táticas, astúcias, mas do que de estratégias. Quando fosse parido esperávamos que ele pudesse ser forte, alegre, significativo, do lugar de cada uma das mulheres discentes, com a cultura que as alimentava e que fosse capaz de problematizar e apontar caminhos para outros modos de ser e viver no mundo a ecopedagogia. Assim, ele se construía embrião no querer-fazer da nossa docência.

Creditamos a nossa formação em Sociopoética, hoje, esses corpos de professoras inquietos, flexíveis e dispostos a se despir dos medos, vivendo-os. Nós não afugentamos mais os medos, nós os fazemos energia pulsante. Então, arriscamos desde a primeira aula, a partir da prática inicial, quando buscávamos os saberes que o grupo já trazia em si, acerca da ecopedagogia, uma prática diferente segundo a avaliação da turma: desenhar o conceito de ecopedagogia, dizer como ela chega a você e a relação que você faz entre/com a ecopedagogia e sua formação em pedagogia. Foi tenso no começo, causou grande estranhamento. Parece que não há o lugar da criação nas práticas docentes, essa foi a nossa interpretação.

Há travas e limites que impedem a imaginação fluir. É como se existissem acordos tácitos do que é o ensinar e o aprender acadêmicos e nesses não coubessem certas práticas, porque elas não se configuram em aulas. O caos veio através de algumas vozes que se levantaram para dizer, que “se falar era difícil, imagine desenhar o que nós pedíamos”. Depois desse impasse, a atividade fluiu e os corpos vibraram de outros modos: sorrindo, reconhecendo a sua potência, admirando a sua capacidade artística e dando vazão aos seus afetos ao liberar seus saberes em desenhos

coloridos, traços e expressões poéticas com uma naturalidade que imprimia a incerteza de que em determinado momento tivesse havido conflito para aquele fazer arte-vida.

A socialização da produção se deu de forma muito participativa e foi de grande valia para que pudéssemos conhecer o grupo e escutar um pouco da história de formação de cada pessoa. O Círculo já estava formado e precisava daquele momento em diante ser ocupado e operado como lugar e estratégia de aprendizagem. As discentes socializaram seus saberes, revelaram e descreveram suas realidades. Esse momento de escuta sensível na perspectiva de Barbier (2007, p. 100), “[...], é de uma sutileza sem igual. A escuta é sempre uma escuta-ação espontânea. Ela age sem mesmo pensar nisso. A ação é completamente imediata e adapta-se perfeitamente ao acontecimento”.

Essa escuta foi fundamental para a escolha do tema-gerador e para o debate e novas construções nas aulas seguintes. Assim, desempenhando o papel de coordenadoras do Círculo que desde esse momento já se anunciava, além de sermos professoras do componente curricular Ecopedagogia, pautamos as orientações na certeza de que o diálogo era condição essencial da ação de coordenar, sem a intenção de influir ou impor (FREIRE, 2011). Não há um/a professor/a detentor/a do saber, nem um/a aluno/a que nada sabe e necessita apenas memorizar conteúdos. Na esteira dessas ideias, o Círculo de Cultura Sociopoético atendia a esses princípios e possibilitava des/costuras discursivas, o que de fato nos interessava como tecido da ecopedagogia na relação com a formação em pedagogia.

O Círculo de Cultura entrou nessa experiência de ensino e aprendizagem como uma escolha político-pedagógica, que possibilitou às alunas do Curso de Pedagogia e conseqüentemente às suas comunidades, pois o conhecimento foi devolvido e multiplicado em seus lugares, como conhecimento ativo que revoluciona o pensamento arraigado e adormecido na cultura do trato com a natureza, praticado como norma, mesmo mediante aos prejuízos causados a ela. Nisso residiu uma das mais importantes des/costuras conceituais oportunizadas pelo Círculo de Cultura Sociopoética.

Depois dessa experiência que sinalizou a entrada do grupo no Círculo, negociamos com as mulheres discentes a instituição do grupo-pesquisador, esclarecendo que dali em diante a turma era esse grupo e como tal seria corresponsável pelo conhecimento gerado entre nós e por nós mesmas. Consultamos se poderíamos fazer imagens, gravar as suas falas e se futuramente houvesse oportunidade, se nos dariam autorização para utilizar o material produzido na escritura de textos com o objetivo de ser publicado, o que nos foi, prontamente, autorizado.

Para melhor situar a leitora e o leitor organizamos esse texto em duas seções, quais sejam: na primeira seção apresentamos o círculo como estratégia de ensino, aprendizagem e formação e na segunda descrevemos as vivências e confrontamos as invenções do grupo-pesquisador com autoras e autores que discutem a ecopedagogia e a ecoformação de professoras e professores na perspectiva da sustentabilidade da vida na Terra, a saber: Freire (2011), Gadotti (1999), Capra (2006), Vieira e Abreu (2015), Gutiérrez (1996), Guattari (2009) entre outros e outras.

O CIRCULO DE CULTURA: METODOLOGIA DE CIRCULARIDADES-AFETOS

O Círculo de Cultura Sociopoética começou às 14h30 da tarde do dia 02/07/2019, era o segundo encontro com o grupo-pesquisador, vínhamos de acaloradas discussões sobre a educação ambiental e o seu lugar na educação e na formação de professoras e professores. O

CÍRCULO DE CULTURA SOCIOPOÉTICA: QUE PODE A ECOPEDAGOGIA NA FORMAÇÃO INICIAL DO CURSO DE PEDAGOGIA/PARFOR?

Círculo como estratégia de ensino, aprendizagem e formação já fora anunciado e hibridizado desde a primeira aula, mas dessa vez ele seguiu outros círculos que tiveram início com um trabalho corporal que consistiu em cada pessoa levantar, manter-se em pé, expirar aquilo que é gatilho para suas dificuldades na vida e inspirar aquilo que lhe dar equilíbrio, força, fé e coragem para enfrentar essas dificuldades. Pedimos que enquanto fossem respirando, também, buscassem o relaxamento e emanassem as suas energias no grupo-pesquisador.

Este foi um momento muito potente, principalmente para as mulheres discentes que atravessavam problemas de doença, de separação no casamento, de morte na família. Informamos que essa vivência significava a entrada no Círculo e que as considerávamos pertencentes a ele e sugerimos uma salva de palmas para marcar esse compromisso de caminhar de mãos dadas, abraçando-se, acolhendo-se no Círculo de Cultura: que pode a ecopedagogia na formação do Curso de Pedagogia/PARFOR?

Inspiramo-nos da técnica artística Lugares Geométricos de Jacques Gauthier para o grupo-pesquisador pensar, visualizar e explicitar conceitos, saberes e poderes da ecopedagogia na relação com o tema gerador, assim, objetivamos com esse círculo: conceituar ecopedagogia, identificando seus saberes e poderes na formação inicial em pedagogia/PARFOR. Com esse propósito organizamos o Círculo de Cultura Sociopoética dividindo o grupo das 18 mulheres discentes em 4 subgrupos, sendo dois com 4 componentes e 2 com 5. Cada uma delas recebeu uma orientação diferente, mas todas relacionadas ao mesmo tema-gerador já negociado e apresentado nesse texto. Assim, ao subgrupo 1, solicitamos que pensasse e desenvolvesse a ecopedagogia-ponte. Depois descrevesse a ecopedagogia-ponte registrando em papel sua descrição e depois destacasse e também registrasse o/s saber/es e poder/es da ecopedagogia-ponte na formação do Curso de Pedagogia.

Ao subgrupo 2 solicitamos que ele pensasse e desenvolvesse a ecopedagogia-labirinto. Depois descrevesse a ecopedagogia-labirinto registrando em papel sua descrição e depois destacasse e também registrasse o/s saber/es e poder/es da ecopedagogia-labirinto na formação do Curso de Pedagogia.

Ao subgrupo 3 solicitamos que ele pensasse e desenvolvesse a ecopedagogia-falha. Depois descrevesse a ecopedagogia-falha registrando em papel sua descrição e depois destacasse e também registrasse o/s saber/es e poder/es da ecopedagogia-falha na formação do Curso de Pedagogia.

Ao subgrupo 4 solicitamos que ele pensasse e desenvolvesse a ecopedagogia-caminho. Depois descrevesse a ecopedagogia-caminho registrando em papel sua descrição e depois destacasse e também registrasse o/s saber/es e poder/es da ecopedagogia-caminho na formação do Curso de Pedagogia.

Dando sequência ao que estamos chamando nesse Círculo de Cultura Sociopoética de Momento de Desenvolvimento dos Saberes e problematizações, uma vez que os subgrupos já estavam orientados sobre as atividades de criação, discussão e problematização que deveriam empreender dentro do seu subgrupo. Apresentamos os materiais que estávamos disponibilizando para que, de acordo com o pensamento do grupo-pesquisador pudesse escolher aqueles que o auxiliariam na materialidade de sua criação/invenção.

Os materiais foram dispostos sobre uma mesa, de forma visível, atraente, chamando a atenção dos subgrupos. Entre esses materiais continha: papel colorido, cola, tesoura sem ponta, tesoura de picotar, revistas, TNT de várias cores, copos descartáveis, cola, balões, fita crepe,

tesoura, papel A3 e A4, papel madeira, papel crepom, flores, galhos de plantas, areia, pedra, lápis de cor, giz de cera, pincéis hidrocor e outros.

Aos poucos, no tempo de cada um, os subgrupos foram se aproximando, fazendo escolhas e voltando para o lugar onde estavam sentados. Delimitamos o tempo de 15 minutos para a invenção das ecopedagogias e para os registros escritos. Houve algumas discordâncias alegando o pouco tempo, mas percebemos o interesse e a inventividade à flor da pele dos subgrupos. Alguns conseguiram terminar no tempo acordado, outros, não, o que nos fez prorrogar em mais 10 minutos o tempo para essa atividade.

Para dar ritmo ao Círculo, orientamos aos subgrupos que ao terminar, fotografassem a sua ecopedagogia sem os registros escritos e podiam sair por um tempinho da sala de aula para lanchar enquanto os outros encerravam essa etapa do desenvolvimento do saber. Houve um pouco de desencontro, pois uns retornaram para a sala, enquanto outros saíram. Precisamos ter paciência para reorganizar o Círculo e iniciar o próximo momento, um dos mais importantes, que é a socialização dos saberes desenvolvidos no Círculo.

CIRCULANDO SABERES ENTRE CONCEITOS E PROBLEMAS

Para recomeçar a atividade, foi necessário acalmar o corpo e para isso pedimos que fosse restabelecido o Círculo e depois de novamente formado, buscamos a oxigenação do corpo pedindo que o grupo-pesquisador ficasse em pé, com as pernas levemente afastadas e que devagar, respeitando o que o seu corpo podia fazer, dobrasse o tronco para frente até o seu limite. Em seguida, solicitamos que soltasse os braços, deixando-os cair relaxadamente do lado do corpo dobrado. Então, orientamos que esvaziasse o ar de dentro de si, soprando até sentir-se vazio.

Em seguida propusemos a troca desse ar colocando em cada uma, imaginariamente, o pipo de uma bomba de ar e começamos a enchê-las enquanto elas se movimentavam ao ritmo do sopro da bomba, no caso, nós que fazíamos esse som, com a boca (muitos risos). A ação de encher os corpos com a bomba de ar era, também, a ação para levantar os corpos, que cheios deveriam tremular ao vento, de braços abertos como bonecas de ar, daquelas que vemos em postos de gasolina. Quando estavam bem contentes e relaxadas no balançar ao vento, nós comunicamos que iríamos retirar o pipo de cada uma e elas fariam o movimento de tornarem-se vazias rodopiando até ficarem murchas e voltarem à posição inicial de curvatura. (mais risadas).

Ao término, sem que nós solicitássemos, o grupo-pesquisador falou sobre essa experiência entre risos. Foi a hora de sentar ao Círculo e de começar a socialização dos saberes desenvolvidos. Solicitamos que as apresentações iniciassem e orientamos que essa fosse a sequência: Dizer o nome de sua ecopedagogia, conceituá-la e revelar seu/s saber/es e poder/es. Comunicamos que primeiro faríamos a escuta ao grupo e só depois faríamos perguntas, problematizaríamos, enfim daríamos as nossas contribuições.

CÍRCULO DE CULTURA SOCIOPOÉTICA: QUE PODE A ECOPEDAGOGIA NA FORMAÇÃO INICIAL DO CURSO DE PEDAGOGIA/PARFOR?

Fotografia 1 - Ecopedagogia-ponte



Fonte: Acervo particular das pesquisadoras

O primeiro subgrupo a se apresentar foi o da Ecopedagogia-ponte que é a ecopedagogia que liga os saberes das pessoas que são diferentes de modo que eles se misturam, se encontram e fazem a travessia na formação do Curso de Pedagogia, por que a gente aprende muito quando se encontra com as outras e aqui na sala de aula, nessa experiência da disciplina ecopedagogia, a gente percebeu que todo mundo sabe alguma coisa diferente que vem somar ao que a gente já sabe. Escutando as outras colegas, a gente pensa na nossa forma de viver e se sente motivada para fazer coisas diferentes daquelas que aprendemos ao longo da vida como: queimar para adubar a terra. Isso é cultural, mas com a ecopedagogia-ponte a gente pode mudar isso a partir de nossa nova consciência ecológica, do nosso sentimento de pertença. Eles vão nos levar por outros caminhos a partir de nossa relação com o meio ambiente e com as pessoas. Na esteira dessas ideias firmamos diálogo com Félix Guattari (2009, p. 8) quando afirma o seguinte:

As formações políticas e as instâncias executivas parecem totalmente incapazes de apreender essa problemática no conjunto de suas implicações. Apesar de estarem começando a tomar uma consciência parcial dos perigos mais evidentes que ameaçam o meio ambiente natural de nossas sociedades, elas geralmente se contentam em abordar o campo dos danos industriais e, ainda assim, unicamente numa perspectiva tecnocrática, ao passo que só uma articulação ético-política – a que chamo *ecosofia* – entre os três registros ecológicos (o do meio ambiente, o das relações sociais e o da subjetividade humana) é que poderia esclarecer convenientemente tais questões.

O autorevidencia com essa afirmação a importância do saberviver nesses tempos do descarte do cuidar do outro, do meio ambiente quando é visível a fragilidade de uma consciência planetária que se importa com a vida na Terra, que não percebe a gravidade dos avanços tecnológicos e o considerável crescimento demográfico, duas realidades opostas, pois se a primeira é progresso, a segunda nem sempre o alcança. A solidão, a depressão, o desemprego, a ociosidade precisam dar lugar para outras relações nas quais comportem a reinvenção de si e do meio ambiente. Nominamos a ecopedagogia do viver, a que torna possível viver em harmonia consigo, com os outros e com o planeta.

A ecopedagogia-ponte tem o saber-ligar que é o saber que aproxima as pessoas fazendo com que elas pensem sobre os seus atos e o que estão fazendo à natureza que está gritando por ser tão maltratada. Esse saber-ligar é muito importante por que junta as diferenças e elas tem que dialogar para se tornarem atitudes e posturas sustentáveis para vida na Terra. O poder da ecopedagogia-ponte é o poder-transformar, porque ela só pode usar o saber-ligar se puder enxergar a transformação das pessoas em suas relações com as outras e com o Planeta. Está tudo ligado, sem uma ecopedagogia-ponte não podemos transformar o que é cultural, o que está posto como natural mesmo sendo a morte para quem habita a Terra.

Fotografia 2 - Ecopedagogia-labirinto



Fonte: Arquivo particular das pesquisadoras.

O segundo grupo, na ordem acordada, foi da ecopedagogia-labirinto que é a ecopedagogia das pessoas que não respeitam a natureza, não cuidam, só degradam, acham que ela é inesgotável, que nunca vai acabar, estão perdidas dentro de si mesmas, não conseguem enxergar que a única saída é a preservação, é o cuidado. A autora Hanna Arendt (2004, p. 10) contribui com o sentido impresso no conceito ecopedagogia-labirinto quando afirma que “A Terra é a própria quintessência da condição humana e, ao que sabemos, sua natureza pode ser singular no universo, a única capaz de oferecer aos seres humanos um habitat no qual eles podem mover-se e respirar sem esforço nem artifício”. A ecopedagogia-labirinto é esse habitat no qual as pessoas se movem, porém essa mobilidade precisa ser racional, afetiva e consciente de que a Terra supre a vida de tudo o que é indispensável para a vida humana, mas sem cuidado, também, responde agressivamente aos maus-tratos.

A ecopedagogia-labirinto está cheia de saberes-oportunidades para as pessoas andarem de outros modos, sem poluir, sem desmatar, sem a ganância que não pensa na conservação da vida, mas no enriquecimento desmedido. Elas estão buscando saídas que só fazem com que se percam mais ainda, por que é o saber-ecoformação que possibilita a relação mais humana com outras pessoas e a natureza. O poder da ecopedagogia-labirinto é o poder-labirintar que é aquele que anda, anda e não se acha enquanto não sabe aonde quer chegar. Percorre muitos caminhos, mas não percebe as marcas que deixa, logo não aprende a mudança com o seu labirintar, por isso tem dificuldade de encontrar saídas. O labirinto é um lugar que alimenta a sua ganância e a sua

CÍRCULO DE CULTURA SOCIOPOÉTICA: QUE PODE A ECOPEDAGOGIA NA FORMAÇÃO INICIAL DO CURSO DE PEDAGOGIA/PARFOR?

ignorância, então, se é rentável a pessoa se preocupa apenas com o lucro e não percebe que está perdida e que coloca a vida do planeta em risco.

Fotografia 3 - Ecopedagogia-falha



Fonte: Arquivo particular das pesquisadoras

O terceiro subgrupo trouxe a ecopedagogia-falha que é aquela que diz o que falta, o que a pessoa deixou de fazer e fez de modo que não zela a natureza, mas é, também, o ponto de partida, o que faz a pessoa mudar seus hábitos, repensar a sua postura diante do mundo e viver uma vida sustentável. “[...] Costuma-se definir uma comunidade sustentável como aquela capaz de satisfazer as suas necessidades e aspirações sem diminuir as chances das gerações futuras” (CAPRA, 2006, p.13). A ecopedagogia-falha é esse viver para além do que se faz problema, porque ele é a força motriz que dispara a mudança.

A ecopedagogia-falha acorda a gente, aponta em nós o vazio, o que precisa ser pensado diferente. Essa ecopedagogia-falha tem o saber-transformar que possibilita o fazer para a preservação, ou seja, se eu já fiz do jeito errado, posso fazer do certo. Esse saber-transformar é muito importante e deve começar na própria pessoa. Junto com esse saber-transformar está o poder-compromisso, porque é necessário comprometer-se com a transformação. Do contrário, ela não será duradoura. Dizemos que somos contra a queimada, mas continuamos queimando o lixo do nosso quintal, por que não entendemos isso como tal e nem como prática que falha quando polui o ar, queima o solo e o enfraquece ao longo do tempo. Importa essa mutação em reconhecimentos de si, em sensibilidade e agenciamentos de outros aprendizados ecopedagógicos como ser humano que vive nesse Planeta e como tal deveria ter o compromisso e a “consciência planetária” (Gutiérrez, 1996, p.3) de cuidar do habitat-mundo. Não se trata aqui, todavia, de uma discussão acerca da Educação Ambiental, mas sobre como ela atravessa a vida das professoras para além da formação.

A transformação deve começar com a reeducação das pessoas e também dos cursos de formação de professoras e professores, de modo que não sejam cristalizados princípios e valores insustentáveis e predatórios, mas ao contrário, em seu lugar sejam introduzidas a cultura sustentável e da paz nesses cursos, e não somente neles, mas também em toda forma de educação e reflexão.

Fotografia 4 - Ecopedagogia-caminho



Fonte: Arquivo particular das pesquisadoras

O quarto subgrupo vem na sequência com a ecopedagogia-caminho que é aquela que nos tira do lugar, que nos faz trilhar outros rumos, outras rotas. A ecopedagogia-caminho conta a nossa história, os percursos que fizemos para ser o que somos e viver como vivemos. Ela imprime as nossas experiências, o nosso jeito de viver. Se as pessoas agridem a Terra consciente ou inconscientemente é por que muitas vezes estão apenas reproduzindo o que nos foi ensinado, então, precisamos nos aproximar da Cidadania Planetária que no dizer de Gadotti (1999), é a enunciação que abarca um conjunto de princípios, valores, atitudes e comportamentos e que apresenta uma nova percepção da Terra, firmando-a como única comunidade.

Nesse sentido, o saber da ecopedagogia-caminho é o saber-caminhar, pois com ele é possível mudar de rota, evitar trajetos de desastres ecológicos iminentes e caminhar de modos diferentes daqueles que aprendemos, porque durante a caminhada vamos mudando com o caminho, vamos deixando de ser eu para sermos nós. É quando passamos a refletir sobre as nossas ações.

Essa nova consciência coletiva permite um caminhar em bando e isso fortalece a caminhada. Esse saber-caminhar invoca questões sobre o lugar do ser humano no mundo e qual deve ser o sentimento de pertença a partir do pensamento de que não é estrangeira a pessoa que pertence a um único lugar, a Terra e, que ser cidadã e cidadão do mundo é proclamar, dialogar com as diferenças culturais, de gênero, geográficas, raciais e outras que se fortalecem diante do sentimento de pertença à Humanidade (GADOTTI, 1999).

O poder da ecopedagogia-caminho é o poder fazer-escolhas, isso quer dizer que está em nossas mãos o mundo que desejamos deixar para os nossos filhos. É no hoje que se planta a

CÍRCULO DE CULTURA SOCIOPOÉTICA: QUE PODE A ECOPEDAGOGIA NA FORMAÇÃO INICIAL DO CURSO DE PEDAGOGIA/PARFOR?

mente do amanhã. Sem o investimento da sustentabilidade nessa era planetária não é possível harmonizar as relações ecológicas necessárias para a manutenção da vida no planeta Terra. “É fundamental, contudo, partirmos de que o homem é um ser de relações e não só de contatos, não apenas está no mundo, mas com o mundo. Estar no mundo resulta de sua abertura à realidade, que o faz ser o ente de relações que é” (FREIRE, 2011, p. 55).

Ao experienciar o compartilhamento da realidade de modo crítico, assumindo a sua responsabilidade diante dos acontecimentos que devem ser pauta de preocupação acerca da existência humana faz ser possível pensar a vida com o outro e com ele buscar a mudança, que transforme o mundo no lugar para todas as pessoas, Isso exige relações provedoras de práticas edificadoras advindas de uma ecoformação que bem pode ser construção da ecopedagogia-caminho.

Vieira e Alves (2015), no texto: Educação Ambiental na Escrita de Cartas para o Planeta Terra: vivências de professores/as do ensino fundamental apresentado no II Congresso Nacional de Educação - CONEDU realizado em Campina Grande e publicado nos Anais do evento se colocam favoráveis quanto à intervenção através de experimentações como essa na formação docente. Assim, elas acreditam que pequenas intervenções formativas como esta podem ser de grande valia para despertar interesses genuínos sobre a causa ambiental, principalmente quando ela enseja a mudança de paradigmas, de conceitos, de atitudes de professores/as responsáveis pela educação das novas gerações.

O Círculo de Cultura Sociopoética teve esse efeito de intervenção e se estendeu até as comunidades das professoras deslocando ideias, construindo novos olhares e emergindo desejos de transformação nos modos de ser, fazer e viver na Terra. Na condição de círculo reverberou em redondezas atitudinais e transformadoras entre as pessoas próximas dessas que o fizeram se deslocar.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES NO CÍRCULO

A proposta desse artigo foi responder ao disparador “que pode a ecopedagogia na formação do Curso de Pedagogia/PARFOR?” Tivemos como objetivo conceituar ecopedagogia, identificando seus saberes e poderes na formação inicial em pedagogia/PARFOR.

Desse modo, as produções plásticas: as ecopedagogias dos lugares geométricos e os relatos produzidos durante o Círculo revelam as ideias e multifaces das discentes do Curso de Pedagogia. São produções e narrativas que reivindicam uma ecopedagogia-ponte que ligue os saberes das pessoas que são diferentes, mas que fazem a mesma travessia formativa.

Suas falas revelam que as pessoas estão em uma ecopedagogia-labirinto vivem perdidas dentro de si mesmas e não conseguem enxergar que a única saída é a preservação e o cuidado com a natureza. No que tange à ecopedagogia-falha, o grupo-pesquisador aponta que é preciso pensar diferente, mostrando que é necessário comprometer-se com a transformação. Por fim, propõe uma ecopedagogia-caminho que tire as pessoas do lugar e as faça trilhar outros rumos e rotas que promovam outras vivências ecopedagógicas.

Em meio às circularidades vivenciadas nessa experiência, voltamos ao ponto de partida e asseveramos que o objetivo proposto neste trabalho foi alcançado e que a produção dos dados se deu para além da finalidade deste. Através dos cheios e vazios que nos acompanharam,

aprendemos a escutar, perceber as falas e o ritmo do corpo das mulheres discentes do Curso de Pedagogia que produziram conhecimento, movimentação e transformação nos modos de ser, pensar e agir em relação à conservação do Planeta Terra no Curso de Pedagogia.

Referências

ARENDT, H. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

BARBIER, R. **A pesquisa-ação**. Tradução Lucie Didio. Série Pesquisa em Educação, Brasília: Líber Livro Editora, 2007.

CAPRA, F. *et al.* STONE. M. K.; BARLOW. Z. (org.). **Alfabetização ecológica**: a alfabetização das crianças para um mundo sustentável. São Paulo: Cultrix, 2006.

COSTA, S. L. da R. **Retalhos do ser jovem em meio à heteronormatividade**: experiências juvenis em uma escola pública de Teresina. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED) Universidade Federal do Piauí – UFPI. Teresina-PI, 2019.

FREIRE, P. **Educação e mudança**. 34. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, P. Quatro cartas aos animadores de Círculos de Cultura de São Tomé e Príncipe. *In*: BEZERRA, A.; BRANDÃO, C. (org.). **A questão política da educação popular**. São Paulo: Brasiliense, 1980.

GADOTTI, M. Cidadania Planetária. *In*: GUTIÉRREZ, Francisco. **Ecopedagogia e cidadania planetária**. São Paulo: Cortez, Instituto Paulo Freire, 1999.

GUATTARI, F. **As três ecologias**. Trad. Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas, SP: Papirus, 1990.

GUTIÉRREZ, F. **Ciudadania planetaria**. Heredia, mimeo, 1996.

VIEIRA, M. D. dos S.; ALVES, A. R. dos S. Educação Ambiental na Escrita de Cartas para o Planeta Terra: vivências de professores/as do ensino fundamental. *In*: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2.. 2015. Campina Grande – PB. **Anais [...]**, Campina Grande – PB, 2015.